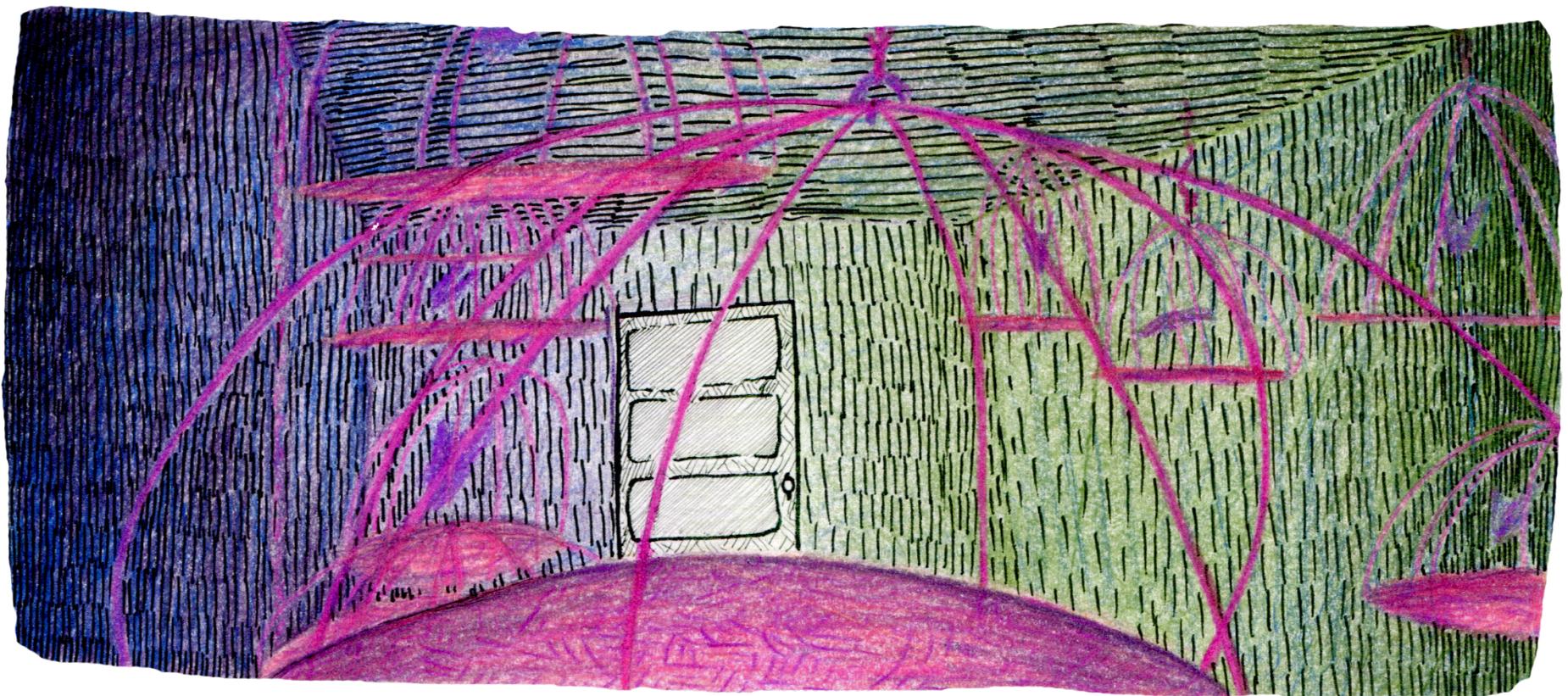


O pássaro mais estranho



O pássaro mais estranho – Mariana Muniz Pivanti

Biografia da autora: Mariana Pivanti é graduanda de Letras Inglês/ Literaturas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua como bolsista na área de Língua Inglesa e pesquisa o feminino nas obras de Virgínia Woolf.

Resumo do texto: Alguém de aparência incomum, que mora em uma cidade intimidadora e sufocante, esconde um segredo. Num apartamento abarrotado de pássaros, ela tenta achar um caminho para a liberdade.

E eis que na cidade de prédios que arranham o céu, de antenas que cortam o ar, de motores que roncam nos ouvidos, de carros que soltam monóxido de carbono e de pessoas que correm... Eis que surge um pequeno refúgio. Depois da grande avenida, próximo ao canteiro de obras, basta dobrar a esquina para avistar a copa das árvores e o pequeno portão que range quando alguém invisível passa por ali.

Agora se detenha um minuto em frente ao portão e olhe. Repare a sombra quieta que desliza embaixo dos galhos maiores. Repare o chão de terra e o chafariz murmurante, bem ali no canto esquerdo. Repare os bancos de madeira gasta. E agora, a brisa sopra tímida. E se apurar bem os ouvidos, vai ouvir as criaturas pequenas que moram ali. São insetos insignificantes, pássaros e quem sabe até algo mais, tão alheios ao intenso burburinho do lado de fora. Você está se perguntando que lugar é esse. Bem, saiba que é um lugar sem nome. Não é praça, não é jardim, não é passagem, não é atalho. Ele apenas é o que é; um espaço estreito entre dois edifícios de vidro, enormes, a se perder de vista de tão altos.

E lá dentro, o vulto oculto de uma pessoa espreita.

Ela tem cabelos curtos, bem rentes à cabeça, é jovem e veste um casaco pesado e escuro, mesmo sendo um daqueles dias abafados em que o calor fica pairando sobre nós. Quem a vê percebe logo sua postura estranhamente curvada, quase corcunda, e um leve mancar na perna esquerda.

A pessoa está parada bem entre as árvores, olhando para cima. Ela gosta de observar o voo furtivo dos pássaros, tão livres naquele universo particular. Mas hoje ela não veio observar apenas. Hoje ela veio com um propósito. E agora hesitava, temendo o que pudesse vir a acontecer.

Entretanto, para que você entenda o que vai acontecer, precisa saber algumas coisas sobre ela. Você já conhece sua aparência peculiar, então já deve imaginar também que quando ela anda pelas ruas, atrai os olhares curiosos de estranhos, às vezes disfarçados, mas sempre presentes. As crianças a olhavam, os idosos e os mendigos também. Homens e mulheres, todos a seguiam com o olhar.

Era particularmente ruim no transporte público. Não havia uma só pessoa que não desviasse os olhos da tela do celular e se desipnotizasse, mesmo que por um breve momento, para investigá-la. Não posso deixar de dizer que ela sentia certo prazer quando chocava algumas pessoas. Quando uma criança a encarava, ela fazia uma careta ameaçadora até a outra se queixar com a mãe. Para as senhorinhas levando sacolas de compras, guardava um sorrisinho irônico. Mas na maioria das vezes, eram homens, e ela é que se sentia ameaçada, e aí apressava o passo, fazendo questão de olhar para trás caso estivesse sendo seguida.

Ela não gostava do transporte público, mas precisava dele para percorrer as longas distâncias que a cidade impunha. Evitava os horários de pico para não correr o risco de ser tocada, o que não deveria ocorrer de jeito nenhum, ou então, poderiam descobrir. E ela sabia que a descoberta seria o fim, pois as pessoas temem aquilo que não conhecem, aquilo que é diferente. Então, ela mantinha uma distância segura.

E assim, lá ia andando, mancando, vagando a pé para casa todo finzinho de tarde. Ela olhava para cima nessas horas, e através da camada de fumaça e poeira percebia, pelo cantinho de céu que conseguia ver por entre os arranhar céus, que o sol deveria estar se pondo. E era então que as cordas começavam a incomodar. Ela as sentia apertadas em seu corpo, machucando sua pele. Nesses momentos ela sempre se perguntava por que tinha amarrado as cordas tão fortes naquela manhã, e murmurava para si mesma que não ia apertar tanto da próxima vez. Mas no fundo sabia que estava se enganando, que as cordas eram necessárias e que sempre estariam apertadas contra suas costas e seu peito.

Finalmente chegava em casa. Ela vivia com uma senhora desde que podia se lembrar. Essa senhora não era sua mãe, nem mesmo avó, não tinham nenhum parentesco, mas era boa para ela. Além do mais, a senhora era a única que sabia de tudo. As duas moravam num apartamento apertado, minúsculo até, tão antigo que evitavam abrir as janelas para que os painéis de madeira podre não caíssem.

No corredor que dava em seu apartamento, ela desviava dos gatos que rondavam sua porta. Eles viviam em

polvorosa por causa das dezenas de pássaros que a senhora mantinha em casa. Pardais, colibris, quero-queros, bem-te-vis, andorinhas... Era uma verdadeira obsessão. As gaiolas ficavam espalhadas pelo apartamento. Havia gaiolas nas paredes, nas prateleiras, nas mesas e nos cantos de todos os cômodos. Então ela abria a porta com cuidado para os gatos não entrarem e era imediatamente recebida por uma profusão de chilros, pios e gritos. Mas o som que a incomodava verdadeiramente era o barulho das asas batendo contra as grades, o barulho do voo frustrado, da tentativa sufocada de se lançar no espaço.

Eu tenho pena desses pássaros, dessa vida miserável... Por que dar asas à criatura se ela não pode usá-las...? Seria melhor, então, que ela não as tivesse. Seria melhor que ela nunca soubesse a beleza avassaladora que tinha dentro dela, quando “dentro dela” se torna um esconderijo, um túmulo silencioso... Seria melhor que ela não ficasse imaginando que bom seria voar... A pior tortura é o prazer relegado à imaginação.

Ela não se detinha muito tempo ali. Era enlouquecedor. Uma vez em seu quarto, arrancava o casaco escuro e o lançava longe. Aquele peso morto. A corcunda ficava mais visível. Com as mãos trêmulas tirava a blusa de uma vez. E aí vinham as cordas. Nó por nó, ela os ia desfazendo. Atrapalhava-se na pressa de se livrar. E então vinha o último. Era sempre o mais difícil. E quando finalmente estava desfeito... Ah! Liberdade, enfim! Esticava suas asas largas, ocupando quase a extensão de seu quarto inteiro. Ela então se aprumava, ficava ereta e imponente, e todos os ossos de seu corpo estalavam em gratidão. Você está se perguntando que tipo de ser era ela. Bem, saiba que ela não tem definição. Não era anjo, não era aberração, não era criatura mitológica. Ela era apenas o que era; uma pessoa que por alguma razão qualquer do destino, tinha asas.

Embora às vezes eu goste de pensar que sou algum tipo de pássaro estranho que em algum momento, virou ser humano...

E isso tudo nos leva à manhã de hoje, quando ela tomou sua decisão.

Ela acordou em meio às suas penas. Era normal caírem algumas naquela época do ano. Depois de recolhê-las, foi alimentar os pássaros. A senhora saía muito cedo de casa, então essa tarefa cabia a ela. E lá foi flanando pela casa, distribuindo alpiste, deixando um rastro dele por onde passava. Até que chegou a uma gaiola nova que definitivamente não estivera ali no dia anterior, pois ela teria percebido aquele pássaro arredio e obstinado, que se esgoelava batendo em cheio nas grades sem pensar. Era um canário vermelho vivo. Aquela criatura minúscula e indefesa era a personificação do desespero. Ela o observava com seus olhos grandes e preocupados e mãos espalmadas sobre a jaula.

Shh... Shh... Você é muito pequeno, vai se machucar.

Nada que fizesse o acalmava. Ver aquela coisinha se debater e sofrer daquela forma era insuportável. Que ânsia era aquela? Que vontade era aquela de se jogar, de sair? De ser livre, talvez...? De experimentar o ar...? De estar em todos os lugares, de ser tudo...? Que vontade era aquela... Que vontade... E não é que ela sabia bem que vontade era aquela? Ou soube algum dia. A vontade que sublimou e escondeu desde a queda começava a crescer de novo, a voltar com força renovada. Era como se aquela sensação estivesse adormecida no fundo de um lago e agora começasse a despertar devagar, emanando vibrações que perturbavam a superfície quieta, crescendo e crescendo até emergir por completo. Sim, ela sabia o que era aquilo. Ela sentia a mesma coisa.

E acometida por uma compaixão avassaladora, abriu a portinhola da gaiola e deixou o pássaro voar... Ah! Era um voo deslumbrante! Ela sorriu em meio às lágrimas que começavam a brotar. Ele rodeava a sala como uma seta sem direção, livre e veloz cortando o ar com seu corpo. E então, um a um, ela libertou todos os pássaros e o caos de liberdade tomou conta do apartamento. Eles a rodeavam como satélites em órbita, guinchando de satisfação. Ela ria, mas seu riso era abafado pelas vozes dos pássaros.

Mas faltava libertar o último pássaro, o pássaro mais estranho, que não sabia se podia voar.

Jogando o casaco sobre si, sem amarrar as cordas dessa vez, foi logo para o refúgio. No caminho, a apreensão deu lugar à súbita coragem que tinha tomado no apartamento e ela teve medo.

O pássaro mais estranho

Quando eu era criança, a senhora me levou à igreja. Ela queria me mostrar as imagens dos anjos. “Veja, olhe como eles são bonitos, assim como você, minha pequena.” Mas eu não gostei... Não gostei das feições apáticas, dos pés gelados e das asas de gesso... Eu não era aquilo. Eu estava viva e queria voar. Então eu fui até a torre do sino e pulei... Bati minhas asas o mais forte que pude... Mas elas não funcionaram... Eu não voei. Fiquei meses com a perna esquerda engessada e mancando para sempre. Por que dar asas à criatura se ela não pode usá-las...?

Talvez agora fosse diferente. E é por isso que ela se encontra parada entre as árvores, onde você a viu pela primeira vez, olhando para cima, para o topo dos prédios que cercam o pequeno refúgio. Ela esfrega as mãos e sua frio, andando de um lado para o outro, ora para o portão, ora para a escada lateral do maior dos prédios, que ficava escondida por trás das árvores. Ah, o que ela não poderia fazer se pudesse voar! Se pudesse... Agora já é impossível viver com a dúvida, afinal, a pior tortura é de fato o prazer relegado à imaginação...

E então ela vai. Sobee as escadas com ânsia de chegar. O topo ainda não é visível, mas ele está lá, isso é certo. Ela corre apesar da perna manca e do fôlego que começa a falhar. *Talvez depois de hoje, isso nem seja mais um problema...* À medida que sobe, o ar fica mais rarefeito, o barulho da cidade diminui até cessar por completo, a única coisa a se ouvir é o som acelerado de sua própria respiração e o coração, tomado por euforia desmedida, parece querer pular fora e adquirir asas só para si. O topo agora está logo ali e parece mais real do que nunca.

É agora.

Ela chega e se coloca na beira do precipício. Lá embaixo, tudo é pequeno, como os insetos insignificantes do refúgio. As pessoas que a olham e que a julgam, as cordas, os pássaros enjaulados... Nada disso tem importância ali. A mesquinhez da vida se torna irrelevante. À frente, pela primeira vez na vida, ela vê o horizonte. Ele se estende para além dos prédios, para além da cidade. *O mundo é tão maior do que parece... O sol começa a se esconder atrás dele. Então isso é o pôr do sol! Uma luz alaranjada bem na beira do mundo enquanto o resto ainda é azul e pálido...*

Contra a luz, ela consegue distinguir vultos muito minúsculos e escuros... Eles se movem em bando para cada vez mais longe... Vão ficando menores... Menores... Até sumirem. São pássaros migratórios. Os mais livres de toda a espécie... E ela então decide que é exatamente para a luz alaranjada que vai rumar.

Ela retira o casaco, estica as asas, sente o vento que sopra no alto, respira bem fundo, e se lança no espaço.

Fim.

